

# A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ: O PAPEL DA ABORDAGEM TRANSLINGUÍSTICA

Rangel Peruchi<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal discutir a relação existente entre a política de internacionalização das instituições de ensino superior (IES) brasileiras e o conceito de translanguagem. Vive-se, ainda, no Brasil, a ilusão de um monolingüismo e essa falácia precisa ser desconstruída para que uma política de promoção das universidades brasileiras como Universidades de Classe Mundial (Turner, 2014), venha a ser alcançada tendo como base um conceito de língua como algo fluido, com margens pouco delimitadas. O desenvolvimento de falantes bilíngues que possam atuar com autonomia na língua alvo precisa considerar a quebra de paradigma de língua como sendo um código sem permeabilidade. Com isso, os objetivos principais foram: verificar como a política de internacionalização da Universidade Federal Sul e Sudeste do Pará trata o ensino de línguas e; como o conceito da translanguagem propõe o trabalho com a língua em sala de aula. Para o desenvolvimento dessa análise utilizamos documentos oficiais e autores como (Canagarajah, 2013; Garcia & Wei, 2014; Santos, 2017, dentre outros) para um entendimento mais aprofundado do conceito de translanguagem e sua aplicação prática em sala de aula. Tendo em vista o documento analisado e os *insights* oferecidos pelos

autores, concluímos que não há uma indicação nos textos oficiais no que tange à implementação de direcionamento para o ensino de línguas estrangeiras que considere uma visão mais alinhada aos entendimentos mais recentes sobre o ensino-aprendizagem de línguas.

**Palavras-chave:** internacionalização; formação de professores; translanguagem.

## Introdução

Refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs) para estudantes de graduação em uma licenciatura em Letras com habilitação em Inglês é um desafio vasto e multifacetado, e um único artigo dificilmente abarcaria todas as particularidades deste contexto. A complexidade desse processo

---

1 Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Graduado em Letras Inglês pela Universidade Federal do Paraná. Professor Efetivo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: rangel.peruchi@unifesspa.edu.br.

se intensifica ainda mais quando inserida no cenário da internacionalização das instituições de ensino superior (IES) brasileiras, que impõe demandas e desafios adicionais. Assim, o presente trabalho busca explorar algumas questões centrais sobre o impacto desse processo de internacionalização, com um foco especial na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), e como ele repercute na formação de futuros professores de língua inglesa.

Para atender às exigências do mundo globalizado, torna-se imprescindível que a prática pedagógica no ensino de inglês vá além da simples decodificação de estruturas gramaticais e vocabulares, desenvolvendo nos alunos competências que os capacitem a utilizar a língua em contextos internacionais e multiculturais. Esses futuros professores devem estar aptos a interagir com falantes que, em sua maioria, não têm o inglês como língua materna, o que exige uma formação que inclua habilidades de mediação intercultural e flexibilidade comunicativa. Esse preparo não só aprimora a competência linguística, mas também estimula o pensamento crítico e a sensibilidade cultural, fatores essenciais para que a comunicação ocorra de forma eficaz e harmoniosa, respeitando as particularidades e diferenças culturais de cada interlocutor. Nesse contexto, a abordagem translinguística se mostra uma estratégia pedagógica relevante para a formação de professores, pois ela reconhece e valoriza o repertório linguístico completo dos estudantes. Em vez de restringir o ensino de inglês ao uso exclusivo desse idioma, a translinguagem permite que os alunos façam uso de outras línguas que compõem seu repertório, facilitando a compreensão e construção de conhecimento. Esta prática pedagógica ajuda a desmistificar a noção de que os idiomas devem ser usados de forma rígida e compartimentada, promovendo uma visão mais fluida e integradora da linguagem.

Para estruturar nossa análise, este artigo será dividido em três seções: a primeira discutirá o processo de internacionalização nas IES, com destaque para a Unifesspa, e as novas exigências que ele traz para a formação de professores de línguas; a segunda parte examinará a abordagem translinguística no contexto da formação de futuros professores de inglês, ressaltando suas vantagens e desafios; e, por fim, nas considerações finais, faremos uma reflexão sobre como a internacionalização e a translinguagem podem contribuir para uma formação docente alinhada às demandas do século XXI, promovendo uma educação linguística inclusiva e contemporânea.

## **2 A internacionalização das instituições de ensino superior (IES)**

O processo de internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil apresenta uma série de desafios e oportunidades que demandam esforços coordenados para a sua efetiva implementação. Como destacado pela Conferência Mundial sobre Ensino Superior, promovida pela UNESCO em 2009, a internacionalização é um objetivo estratégico para as instituições de ensino superior (IES),

e sua concretização requer a superação de barreiras linguísticas e culturais. A experiência brasileira com programas como o Idiomas sem Fronteiras (IsF) exemplifica o esforço em promover a proficiência linguística necessária para integrar os estudantes brasileiros em um cenário acadêmico internacional. Entretanto, como apontam Amorin e Finardi (2017), ainda há um longo caminho a percorrer no desenvolvimento de políticas públicas e institucionais que consolidem esse processo.

Nesse contexto, a abordagem teórica de Calvet (1999) oferece uma importante contribuição para compreender as dinâmicas linguísticas globais e sua influência sobre a internacionalização das universidades. A ideia de uma língua hipercêntrica, representada pelo inglês, cercada por línguas supercentrais e periféricas, evidencia as desigualdades linguísticas no cenário global. No Brasil, a superação dessas desigualdades exige a capacitação não apenas em inglês, mas também em outras línguas supercentrais, o que ampliaria o alcance da internacionalização.

A partir dos anos 2000, como observado por Paiva e Brito (2019), a demanda pela internacionalização nas universidades brasileiras aumentou significativamente, particularmente nos programas de pós-graduação. A avaliação da CAPES (2013-2016) ressaltou a internacionalização como um critério essencial para a qualificação dos programas de excelência, incentivando o desenvolvimento de estratégias mais robustas. Contudo, como evidenciado pela realidade da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), que ainda não possui programas de pós-graduação com notas 6 ou 7, há uma necessidade de intensificar os esforços para alcançar esse objetivo.

No cenário internacional, o conceito de universidades de classe mundial (World-Class Universities, WCUs) ganhou destaque a partir da década de 1990. De acordo com Byun, Jon e Kim (2013), essas instituições são fundamentais para o crescimento econômico e a inovação tecnológica, desempenhando papel estratégico no desenvolvimento humano e na competitividade global. Para alcançar esse status, as universidades devem adotar práticas como a internacionalização plena de suas atividades, a criação de currículos alinhados às demandas globais, a oferta de cursos em várias línguas e o estímulo à mobilidade acadêmica. Além disso, Altaback e Salmi (2011) enfatizam a importância de transformações funcionais, incluindo a promoção de publicações internacionais e a ampliação da cooperação acadêmica global, sem comprometer a soberania científica e cultural das instituições brasileiras. Zanotto, Haeffner e Guimarães (2016) também alertam para os riscos de uma posição subserviente em relação a países mais desenvolvidos, reforçando a necessidade de uma internacionalização crítica e equilibrada. No caso da Unifesspa, a implementação de sua política de internacionalização reflete esses desafios globais, mas também apresenta características específicas que demandam maior atenção. A normativa que institui o processo de internacionalização na universidade busca não apenas atender aos padrões globais, mas também adaptar-se às realidades locais, promovendo a inclusão e o respeito pela diversidade cultural e linguística. A análise dessa normativa, assim como a reflexão sobre os

princípios fundamentais da internacionalização, é essencial para compreender os caminhos que a universidade pode trilhar para alcançar seus objetivos estratégicos e contribuir para o avanço do ensino superior no Brasil.

## **2.1 Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará: a questão do ensino de línguas estrangeiras**

No Brasil, dentre as 2.537 Instituições de Ensino Superior (IES), 199 são categorizadas pelo Ministério da Educação como universidades (INEP, 2018). Entre as 199 universidades, encontra-se a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, sediada na cidade de Marabá e com campi em Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, Rondon do Pará e Xinguara. Ao tratar mais especificamente sobre o processo de internacionalização da Unifesspa, notamos que seu início se deu muito recentemente, ocorrendo apenas no ano de 2019 visto que a referida universidade tem apenas 11 (onze) anos de existência. Ela, inicialmente, era um campus da Universidade Federal do Pará. Assim, o processo de internacionalização na Unifesspa teve início por meio da resolução N° 81, DE 05 DE DEZEMBRO DE 2019. E, em seu artigo 18, estipula a oferta de cursos livres de idiomas estrangeiros e de português para estrangeiros vinculados à Unifesspa com ação conjunta do *Núcleo de Línguas* (NucLi) e com a *Assessoria de Relações Nacionais e Internacionais* (Arni). Sendo a resolução um documento legal de natureza normativa, não constam ali uma apresentação mais detalhada sobre em que moldes se entende o ensino de línguas. Essa discussão, por sua vez, fugiria do propósito principal do documento. Por outro lado, sendo a língua estrangeira, especialmente a língua inglesa, um dos veículos mais importantes para o acesso das universidades brasileiras ao que veio comumente ser chamado de *World Class Universities* (WUs) estranha-se o fato do referido documento apenas se referir aos órgãos que estarão envolvidos para promoção de línguas estrangeiras sem haver em tal documento um detalhamento maior de como esse processo irá ocorrer ou até mesmo o que se entende por domínio de uma língua estrangeira.

No contexto da internacionalização, no qual existe a necessidade de comunicação com estrangeiros, é de se esperar que as LEs ocupem um lugar central no processo, pois, como afirma Guimarães (2020), aprender um segundo idioma pode intensificar os contatos internacionais, sejam virtuais ou presenciais, que são cada vez mais frequentes e importantes na vida das pessoas, permitindo acesso a informações e oportunidades acadêmicas e profissionais. Ainda sobre essa relação entre a internacionalização e LEs, Celada (2018,p.194) aponta para:

[...] a necessidade de conceber a linguagem e as línguas como uma questão altamente relevante quando se pensa em internacionalização e em todas as arestas que essa implica; sem dúvida, a questão deve constituir uma preocupação das conduções universitárias, dos órgãos reguladores de

pós-graduação e das agências de fomento, e atravessar todos os campos do conhecimento.

Um ponto que precisa ser salientado aqui é que além de ainda estarmos em estágio embrionário, a Unifesspa, em especial, assemelha-se a outras IES brasileiras por ter seu processo de internacionalização marcado por uma postura passiva em relação ao Norte global. Além disso, não parece haver um processo distribuído igualmente pelas diferentes regiões do país. Na educação, mas não somente nela, as regiões Sul e Sudeste, ao menos no que diz respeito à elaboração de planos de internacionalização, estão mais imersas no processo de abertura internacional se comparadas ao Norte. O processo de internacionalização das universidades brasileiras, por tudo que foi exposto aqui, deve ser pensado de modo crítico e considerando a posição geográfica e cultural do Brasil no contexto de integração, entre outros elementos por meio da língua, com os demais países latino-americanos. Deste modo, o espanhol, que ocupa um lugar secundário em relação ao inglês, mas ainda de destaque em relação a outras LEs, poderia ganhar mais espaço. Arnoux (2016, p. 305) afirma que há uma tendência que valoriza o inglês como língua que ocupa um lugar hegemônico na ciência e que a produção científica em português e em espanhol é uma luta contra a submissão dos cientistas da América Latina, bem como um elemento que contribui para o desenvolvimento de certo grau de autonomia.

### **3 A abordagem translinguística para a formação de futuros professores de idiomas**

Nas últimas décadas, o ensino de línguas mudou dramaticamente. Os métodos de ensino de línguas são constantemente atualizados para se adaptarem às mudanças culturais, culturais e tecnológicas que afetam a forma como a língua é usada e compreendida. Em muitos casos, o que os investigadores e linguistas partilham nos programas de ensino de línguas leva tempo a ser implementado nas salas de aula. Isto porque as competências dos professores que fazem um excelente trabalho no processo não devem ser ignoradas, mas sim apreciadas. Esses profissionais aprenderão em primeira mão sobre os novos métodos, ideias e mensagens que trazem para o ensino de idiomas e desenvolverão maneiras de fazer os alunos se sentirem melhor. Hoje, o ensino de línguas estrangeiras precisa ser repensado porque é preciso quebrar a hegemonia da língua. Isto requer a utilização de abordagens multilingues, especialmente em cursos destinados à formação de futuros professores de línguas. O conceito de multilinguismo, que se refere ao uso de múltiplas línguas em diferentes contextos, é importante para o desenvolvimento de uma visão e representação unificada das diferentes línguas presentes na sociedade. Esta abordagem atende às necessidades do mercado global e multicultural atual, que exige que os professores em formação estejam preparados para lidar com situações multilíngues e apreciar as diferentes línguas

dos alunos. No Brasil, a visão monolíngue continua, encorajada por declarações que apoiam o português como língua nacional. Esta situação não tem em conta a diversidade linguística da nossa região, que alberga muitas línguas, nem as línguas faladas por pessoas de outros países e grupos. No entanto, isto começa a ser desafiado à medida que investigadores e professores reconhecem a importância de utilizar múltiplas linguagens que reflitam as experiências autênticas dos alunos. Em lugares como o Pará, por exemplo, não é incomum ver alunos falando línguas tradicionais nas dependências da Universidade Federal do Sul do Pará (Unifesspa). Porém, ao verem a taça (pessoa branca), rapidamente mudam para o português, demonstrando medo de perseguição ou influência cultural. Este movimento de línguas mostra a intensidade das pressões monoculturais, uma vez que há poucas línguas e as línguas são pequenas. Esta pressão, combinada com a discriminação linguística e racial, reforça os sistemas que eliminam as barreiras linguísticas e impedem os estudantes de expressar a sua língua e cultura. Para que os futuros professores de línguas compreendam estes desafios e trabalhem em conjunto, é importante que tenham acesso a métodos que garantam todas as formas de comunicação, independentemente da língua utilizada. Teoria da Tradução O termo “tradução” foi cunhado por Cen Williams em 1994 (*apud* García e Wei, 2014), e foi originalmente usado para descrever o que acontece quando os alunos alternam entre o inglês e o galês (galês) para adquirir e melhorar a situação. Na sala de aula. A interpretação é fácil e flexível, permitindo aos alunos comunicar em ambas as línguas dependendo da sua situação e necessidades. Nesta abordagem, os alunos não estão limitados a um idioma em determinadas situações, mas podem usar dois (ou mais) idiomas, o que auxilia na expressão e compreensão. As abordagens interlinguísticas desafiam a visão tradicional das línguas como sistemas independentes e rígidos. Em vez disso, o multilinguismo é visto como um ato de comunicação, fluido e complexo, com falantes que utilizam diferentes línguas para criar significado e interagir com o mundo. A tradução, portanto, tende a fazer com que a língua pareça artificial e fechada, aumentando assim a apreciação do conhecimento pelos falantes e a sua capacidade de integrar e transformar a língua no seu trabalho diário. Essa perspectiva é importante para a formação de professores porque incentiva os futuros professores a seguirem um caminho consistente com a experiência do aluno. Pesquisadores como Canagarajah (2013) e García e Wei (2014) alertam para a necessidade de separar os conceitos de tradução e troca de código. A troca de código vê os idiomas como processos separados e distintos dentro de um único idioma, enquanto a tradução vê os sistemas de comunicação bilíngues ou bilíngues como unificados e inter-relacionados. Além disso, a troca de código geralmente se refere à transferência de conhecimento de uma língua para outra, enquanto a tradução é a integração natural e fluida de uma língua existente, refletindo a cultura e a cultura do falante. Tradução para Formação de Professores Para que a tradução seja eficaz na sala de aula, os professores devem estar preparados para lidar com os desafios linguísticos envolvidos em múltiplos

idiomas. Neste contexto, a formação de professores deve ir além do conhecimento de línguas estrangeiras ou da pedagogia tradicional e incluir uma compreensão mais profunda dos aspectos sociais e psicológicos dos alunos. García (2009) afirmou que uma abordagem de translinguagem proporciona aos professores uma forma de aumentar a flexibilidade e a capacidade de aprender em duas ou mais línguas.

Nesse sentido, há a necessidade de entender a translinguagem como um processo em movimento no qual o falante, como hospedeiro da língua, faz uso dela de diferentes formas e com distintas intenções visto que não há uma distinção fixa entre os códigos linguísticos dominados pelo falante. Jaspers (2017, p.6), nos apresenta um entendimento bastante claro a respeito da translinguagem ao afirmar que:

[...] a translinguagem (como pedagogia e prática) resulte em novas subjetividades, devolva a voz, transforme estruturas cognitivas, aumente os níveis de bem-estar e de realização e, finalmente, transforme uma sociedade desigual em um mundo mais justo. Isso seria esperar muito sobre a introdução de práticas linguísticas específicas na escola, e é uma questão de honestidade intelectual indagar se podemos confiar nos efeitos previstos. (Jaspers, 2017, p. 6).

### **3.1 A Translinguagem na Formação de Professores**

Para implementar eficazmente a língua na sala de aula, os professores devem estar preparados para lidar com as complexidades do trabalho linguístico que envolve múltiplas línguas. Neste caso, a formação de professores deve ir além do conhecimento de uma língua estrangeira ou do conhecimento de conceitos tradicionais de ensino, e incluir uma compreensão profunda da língua-etnia e da identidade do aluno. O processo de tradução oferece aos professores uma forma de melhorar a flexibilidade e as oportunidades de aprendizagem em dois ou mais idiomas, segundo García (2009). Para que isso aconteça, é importante que os futuros professores compreendam o papel da língua como ferramenta de apoio e criação de cultura, especialmente em países com diversidade linguística como o Brasil. A formação inicial de professores de línguas deve incluir a discussão do valor das diferentes línguas e da importância de práticas de ensino que respeitem e integrem as diferentes línguas dos alunos. Esse arranjo é importante para que os professores possam não apenas focar na presença de línguas minoritárias em sala de aula, mas também vê-las como importantes recursos didáticos. Benefícios Sociais e Tradução Os métodos transculturais de tradução não afetam apenas o ambiente educativo, mas também contribuem para a mudança social. A tradução promove o fortalecimento e o apoio de identidades multilíngues, proporcionando oportunidades onde vozes e apresentações são valorizadas e respeitadas. Em sociedades onde as línguas indígenas, afro-brasileiras e outras línguas minoritárias foram historicamente marginalizadas, a tradução pode funcionar como um meio

de resistência cultural, permitindo que os falantes dessas línguas tenham uma chance e reivindiquem que têm o direito de expressar eles mesmos. eles mesmos. Esta influência social é particularmente importante no contexto da discriminação linguística, onde a utilização de uma língua diferente da língua dominante é frequentemente perseguida. A prática da tradução, ao promover a utilização de múltiplas línguas, desafia o domínio linguístico e contribui para a criação de uma sociedade mais inclusiva. Por exemplo, ao promover as línguas locais, a tradução linguística pode ajudar a combater o preconceito e a reforçar a autoestima e o sentimento de pertença da população local que fala essas línguas. Além disso, a tradução pode aproximar grupos de imigrantes, refugiados e outras pessoas que vêm ao Brasil e trazer sua língua e cultura. Ao compreender e honrar a história linguística destes grupos, a sociedade mostra abertura às diferentes culturas, promovendo a unidade e o respeito entre as diferentes comunidades. No local de trabalho, esta abordagem também é útil, porque os indivíduos podem usar tudo o que diz respeito à sua linguagem para acrescentar significado e expandir as possibilidades de comunicação e cooperação. A tradução também pode funcionar como uma ferramenta para criar uma identidade social forte e distinta. Em vez de um sistema nacional e cultural rígido, que liga a língua a uma identidade fixa, a linguística lembra-nos que a identidade é fluida e que a língua é uma expressão desta complexidade. Ao fazê-lo, não só enriquece a experiência de aprendizagem, mas contribui para a criação de uma sociedade que reconhece e valoriza a diversidade como um valor fundamental.

### **3.2 Desafios e expectativas na implementação da Translinguagem**

A despeito dos avanços teóricos no entendimento da translinguagem, a implementação prática desse conceito nas salas de aula continua a ser desafiadora. Como aponta García (2019), “o potencial da translinguagem reside em seu poder de romper com as fronteiras artificiais que separam as línguas, promovendo uma aprendizagem verdadeiramente integrada e acessível” (García, 2019, p. 89). No entanto, nas práticas educacionais atuais, essa potencialidade muitas vezes é limitada pelo predomínio de abordagens monolíngues e pela resistência institucional. Em muitas escolas e universidades, o uso de uma segunda língua é desencorajado ou até mesmo visto como uma falha no processo de aprendizagem, reforçando a ideia de que as línguas são compartimentos estanques e não devem se misturar em sala de aula. Para que a translinguagem seja incorporada de forma mais efetiva, é necessária uma mudança de perspectiva tanto entre professores quanto administradores, que devem entender o uso de múltiplas línguas como uma ferramenta de enriquecimento cognitivo e cultural, e não como uma ameaça à aprendizagem. García (2019) argumenta que “a verdadeira aprendizagem ocorre quando o aluno é capaz de mobilizar todas as suas habilidades linguísticas



para entender e se expressar” (p. 91), o que sugere a necessidade de uma visão mais ampla e flexível do que constitui o aprendizado de línguas. Outro obstáculo significativo é a escassez de recursos pedagógicos que adotem uma perspectiva translinguística. A maioria dos materiais de ensino de línguas segue um modelo que isola o idioma alvo dos demais, deixando pouco ou nenhum espaço para a interação entre diferentes línguas. Para mudar esse cenário, é crucial que novos materiais e abordagens sejam desenvolvidos com foco em práticas translíngues. Esses materiais devem ser pensados para possibilitar a interação entre diferentes repertórios linguísticos dos alunos, oferecendo atividades que promovam o uso de suas línguas de origem como um suporte para a aquisição do novo idioma. Isso permitiria que professores se sentissem mais seguros e preparados para aplicar a translinguagem em suas aulas.

## **Considerações finais**

A internacionalização das instituições de ensino superior é um processo que visa ampliar as redes de colaboração e intercâmbio acadêmico, fortalecer a produção científica e promover uma formação mais globalizada para os alunos. No contexto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), esse processo enfrenta desafios específicos, em parte pela diversidade linguística e cultural da região amazônica, onde a presença de línguas indígenas e de comunidades plurilíngues é significativa. Além disso, a crescente demanda por interações internacionais reforça a necessidade de uma abordagem que valorize as múltiplas línguas presentes no ambiente acadêmico, ao mesmo tempo em que garante que os alunos adquiram proficiência em inglês, língua que se tornou o principal veículo de comunicação em ambientes acadêmicos globais. No entanto, o foco exclusivo no ensino da língua inglesa como meio de internacionalização pode gerar uma visão reducionista da diversidade linguística, impondo uma hegemonia linguística que desconsidera o valor das línguas locais e regionais. Isso pode levar à invisibilização das identidades linguísticas dos alunos e à marginalização das suas experiências culturais. A translinguagem, nesse cenário, emerge como uma abordagem pedagógica que desafia essa visão, promovendo uma prática educacional que reconhece e valoriza a fluidez e a complexidade dos repertórios linguísticos dos alunos. Essa prática não apenas facilita o desenvolvimento da proficiência em línguas estrangeiras, mas também permite que os estudantes mantenham e reforcem suas identidades culturais, o que é essencial em uma universidade situada em uma região culturalmente diversa como a Amazônia. A implementação de uma abordagem translinguística, contudo, requer uma mudança de mentalidade e uma reestruturação dos currículos de formação docente. Muitos educadores ainda compreendem a prática translíngue como uma transgressão às normas linguísticas tradicionais, enxergando-a como um “erro” a ser corrigido, como apontado por Santos (2017). Essa visão restritiva desconsidera o potencial cognitivo e cultural que

a translanguagem oferece ao possibilitar que os alunos se expressem e aprendam em múltiplos códigos linguísticos. A prática translíngue não significa a negação das normas gramaticais ou da correção linguística; ao contrário, ela reconhece que o uso de diversas línguas em um ambiente educacional pode enriquecer o processo de aprendizagem, estimulando a criatividade e o pensamento crítico dos estudantes. A formação de professores com uma abordagem translinguística pode contribuir significativamente para a internacionalização da Unifesspa, capacitando-os a lidar com a diversidade linguística de maneira mais inclusiva e crítica. Esse processo de formação deve incluir discussões sobre o papel das línguas indígenas e outras línguas locais, promovendo uma visão que valorize todos os repertórios linguísticos presentes no ambiente escolar. Isso é especialmente relevante em uma instituição como a Unifesspa, onde muitos estudantes têm como língua materna uma língua indígena ou uma variedade do português que difere das normas cultas. A valorização desses repertórios linguísticos em sala de aula não apenas promove uma educação mais inclusiva, mas também fortalece o sentido de pertencimento e autoestima dos alunos, ao reconhecer suas identidades culturais e linguísticas como recursos valiosos no processo de aprendizado. Além disso, a internacionalização que incorpora a translanguagem pode ampliar as perspectivas de colaboração global, pois ao valorizar as competências linguísticas diversas, a instituição cria um ambiente mais acolhedor para estudantes e pesquisadores estrangeiros. A prática translinguística permite que esses indivíduos se integrem de forma mais natural e colaborativa, promovendo o respeito mútuo entre culturas e a troca de conhecimentos de maneira mais equitativa. Em vez de impor o inglês como única língua de comunicação, a translanguagem permite que diferentes línguas coexistam e se complementem, ampliando as possibilidades de interação e colaboração acadêmica. No entanto, a adoção de uma abordagem translinguística enfrenta desafios práticos, como a resistência de docentes e gestores que ainda possuem uma visão monolíngue da educação. Para superar essas barreiras, é essencial investir em políticas institucionais que promovam a valorização da diversidade linguística e ofereçam suporte para que os professores se familiarizem com práticas pedagógicas inclusivas. Oficinas, seminários e cursos de formação continuada são estratégias que podem auxiliar na conscientização sobre os benefícios da translanguagem, mostrando como essa prática pode ser integrada ao ensino de línguas estrangeiras de maneira eficaz e enriquecedora. A criação de materiais didáticos, por sua vez, que incorporem uma abordagem translinguística, é fundamental para apoiar os professores na implementação dessa prática. A maioria dos materiais de ensino de línguas ainda é projetada com uma visão monolíngue, e sua adaptação para um contexto translinguístico exige a criação de atividades que promovam a alternância de línguas de forma natural e significativa. Esses materiais podem incluir textos que mesclam diferentes línguas, exercícios que incentivem o uso do repertório linguístico completo dos alunos e atividades que abordem questões culturais relacionadas às diferentes línguas presentes no ambiente escolar. Dessa

forma, a translanguagem pode ser efetivamente incorporada ao currículo de ensino de línguas, beneficiando tanto os alunos quanto os professores. Em última análise, a integração da translanguagem ao processo de internacionalização representa um avanço no sentido de promover uma educação mais inclusiva, justa e equitativa. Em uma instituição como a Unifesspa, onde a diversidade cultural e linguística é uma característica marcante, essa abordagem pode contribuir para a formação de cidadãos globais conscientes e respeitosos das diferenças. A translanguagem, ao reconhecer e valorizar as múltiplas identidades linguísticas dos alunos, promove a justiça social, desafiando preconceitos linguísticos e fortalecendo o respeito pela diversidade. Dessa forma, a internacionalização e a translanguagem tornam-se elementos complementares, essenciais para a construção de um ambiente acadêmico verdadeiramente inclusivo e comprometido com a promoção da diversidade e da colaboração global.

## **THE TRAINING OF FUTURE ENGLISH LANGUAGE TEACHERS IN THE CONTEXT OF INTERNATIONALIZATION AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF THE SOUTH AND SOUTHEAST OF PARA: THE ROLE OF THE TRANSLINGUISTIC APPROACH**

**Abstract:** *This article's main objective is to discuss the relationship between the internationalization policy of Brazilian higher education institutions (HEIs) and the concept of translanguaging. In Brazil, there is still the illusion of monolingualism and this fallacy needs to be deconstructed so that a policy of promoting Brazilian universities as World Class Universities (Turner, 2014) can be achieved based on a concept of language as something fluid, with poorly defined margins. The development of bilingual speakers who can act autonomously in the target language needs to consider breaking the paradigm of language as being a code without permeability. With this, the main objectives were: to verify how the internationalization policy of the Federal University of South and Southeast of Pará when dealing with language teaching and; how the concept of translanguaging proposes working with language in the classroom. To develop this analysis, we used official documents and authors such as (Canagarajah, 2013; Garcia & Wei, 2014; Santos, 2017, among others) for a deeper understanding of the concept of translanguaging and its practical application in the classroom. Taking into account the document analyzed and the insights offered by the authors, we conclude that there is no indication in the official texts regarding the implementation of guidelines for the teaching of foreign languages that consider a vision more aligned with the most recent understandings about the teaching-learning of foreign languages.*

**Keywords:** *Internationalization; Teacher Training; Translingualism.*

## **Referências**

AMORIN, G. B.; FINARDI, K. R. Internacionalização do ensino superior e línguas estrangeiras: evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. *Avaliação*, v. 22, n. 3, p. 614-632, 2017.

- BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. Heteroglossia as Practice and Pedagogy. In: BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (Eds.). *Heteroglossia as Practice and Pedagogy*. New York: Springer, 1-20, 2014.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Coleta CAPES. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.xhtml>. Acesso em: 6 fev. 2020.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Sinopses estatísticas da educação superior – Graduação (2017)*. Brasília: MEC, 2018.
- BYUN, K.; JON, J.; KIM, D. Quest for building world-class universities in South Korea: outcomes and consequences. *Higher Education*, v. 65, n. 5, p. 645-659, 2013.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual practice: Global Englishes and cosmopolitan relations*. Abingdon, UK: Routledge, 2013.
- CENOZ, J. Translanguaging in School Contexts: International Perspectives. *Journal of Language, Identity & Education*, v. 16, n. 4, p. 193-198, 2017. DOI: 10.1080/15348458.2017.1327816.
- CREESE, A.; BLACKLEDGE, A. Translanguaging and identity in educational settings. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 35, p. 20-35, 2015.
- DUARTE, J. Translanguaging in mainstream education: a sociocultural approach. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 22, n. 2, p. 150-164, 2019. DOI: 10.1080/13670050.2016.1231774.
- FERRARI, L. As práticas translíngues emergentes nas aulas de escola da fronteira Brasil-Bolívia: negociação de sentidos e justiça social. In: *VI Seminário Internacional AMÉRICA PLATINA (VI SIAP) e I Colóquio UNBRAL de Estudos Fronteiriços: América Platina: alargando passagens e desvendando os labirintos da integração*. Campo Grande: UEMS, 2008. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n. 59, v. 3, p. 2071-2101, set./dez. 2020.
- GARCÍA, O. *Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective*. Wiley, 2009.
- GARCÍA, O.; KLEIFGEN, J. *Educating emergent bilinguals: Policies, programs, and practices for English Language Learners*. New York, NY: Teachers College Press, 2010.
- GARCÍA, O.; WEI, L. *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillian, 2014.
- GARCÍA, O. Translanguaging, pedagogy and creativity. In: ERFURT, J.; CARPORAL, E.; WEIRICH, A. (Eds.). *Éducation plurilingue et pratiques langagières: Hommage à Christine Hélot*. Berlin: Peter Lang, p. 39-56, 2018.
- GARCÍA, O. The Curvas of translanguaging. In: ZHONGFENG, T.; LINK, H. (Eds.). *Positive synergies. Translanguaging and critical theories in education*. New York: John Benjamins, v. 5, n. 1, p. 86-93, 2019.

GARCÍA, O.; OTHEGUY, R. Plurilingualism and translanguaging: Commonalities and divergences. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 2019. DOI: 10.1080/13670050.2019.1598932.

HELLER, M. *Linguistic Minorities and Modernity: A Sociolinguistic Ethnography*. London: Longman, 1999.

HORNBERGER, N. H. Multilingual language policies and the continua of biliteracy: An ecological approach. *Language Policy*, v. 1, p. 27-51, 2002.

JASPERS, J. The transformative limits of translanguaging. *Language & Communication*, v. 58, dez. 2017. DOI: 10.1016/j.langcom.2017.12.001.

JONES, B. Amrywiaeth caleidosgopig: Addysg ddwyieithog yng Nghymru heddiw [Kaleidoscopic variety: Bilingual education in Wales today]. Disponível em: [http://www.gwerddon.org/5\\_amrywiaeth\\_caleidosgopig-85.aspx](http://www.gwerddon.org/5_amrywiaeth_caleidosgopig-85.aspx), 2010.

JONES, B.; LEWIS, G. Language arrangements within bilingual education. In: THOMAS, E. M.; MENNEN, I. (Eds.). *Advances in the study of bilingualism*. Bristol, UK: Multilingual Matters, p. 143-172, 2014.

JONES, B. Translanguaging in Bilingual Schools in Wales. *Journal of Language, Identity & Education*, v. 16, n. 4, p. 199-215, 2017. DOI: 10.1080/15348458.2017.1328282.

JONSSON, C. ‘What is it called in Spanish?’: Parallel Monolingualisms and translanguing classroom talk. *Classroom Discourse*, v. 10, n. 3-4, p. 323-346, 2019. DOI: 10.1080/19463014.2019.1631197.

LEWIS, G.; JONES, B.; BAKER, C. Translanguaging: developing its conceptualisation and contextualisation. *Educational Research and Evaluation*, v. 18, n. 7, p. 655-670, 2012. DOI: 10.1080/13803611.2012.718490.

OLIVEIRA, B. S. de; BULEGON, M. Reflexões sobre o ensino de português como língua de acolhimento pelo viés da pedagogia translanguaging. *Revista EntreLínguas*, Araraquara, v. 5, n. 2, p. 430-445, jul./dez. 2019. DOI: 10.29051/el.v5i2.12958.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Ensino de língua estrangeira como prática translíngue: articulações com teorizações bakhtinianas. *Revista DELTA*, v. 31, n. 2, p. 411-445, 2015. DOI: 10.1590/0102-4450437081883001191.

SANTOS, M. E. P. “Portunhol Selvagem”: translanguagens em cenário translíngue/transcultural de fronteira. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 42, p. 523-539, jan.-abr. 2017. DOI: 10.22409/gragoata.2017n42a890.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007.

WEI, L. Moment analysis and translanguaging space: Discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. *Journal of Pragmatics*, v. 43, p. 1222-1235, 2011.

WEI, L. Translanguaging as a Practical Theory of Language. *Applied Linguistics*, v. 39, n. 1, p. 9-30, 2018. DOI: 10.1093/applin/amx039.

WILLIAMS, C. Arfarniad o Ddulliau Dysgu ac Addysgu yng Nghyd-destun Addysg Uwchradd Ddwieithog [An evaluation of teaching and learning methods in the context of bilingual secondary education]. Tese de doutorado – University of Wales, Bangor, 1994.

Recebido em 31 de agosto de 2024

Aprovado em 27 de setembro de 2024